



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 6, Outubro-Dezembro. 2017

## Release

### **Desafios filosóficos e epistemológicos da universidade para a sociedade contemporânea são abordados em artigo**

Eliane Campelo - DRT n.264/TO

A pesquisadora brasileira, Maria José de Pinho, debruçou-se sobre o universo das instituições de Ensino Superior e suas transformações ao longo da história da humanidade para escrever o artigo **“Universidade e Crise Institucional: perspectivas de uma formação humana”** onde busca fazer uma reflexão da transição do paradigma conservador para um paradigma emergente na universidade e sua influência no contexto desta instituição no século XXI na perspectiva de uma visão complexa da realidade contemporânea. Partindo da premissa de que a universidade acompanhou as transições sociais modernas e suas novas perspectivas epistemológicas, filosóficas bem como as profundas transformações nas finalidades formativas da educação superior. O texto, recém-publicado, está disponível na Revista Observatório v.3 n.6, da Universidade Federal do Tocantins.

O repensar das instituições de ensino superior a partir do Processo de Bolonha que as direciona para a competitividade e para a competência profissional, bem como os desafios da universidade em seus aspectos filosóficos e epistemológicos dentro de um contexto humano extremamente complexo e da pertinência do conhecimento mediante a superação do conhecimento fragmentado e compartimentalizado, são abordados de uma forma elucidativa no texto da estudiosa.

A pesquisa aclara que o tecnicismo oriundo do paradigma tradicional cartesiano-newtoniano e sua ciência inquestionável, que fragmentava o conhecimento, "isolou o homem" e portanto, não contemplava em seus métodos a abordagem das emoções, de sentimentos como a solidariedade, a sensibilidade, o afeto ou o espírito de ajuda mútua. "Essa percepção pode auxiliar na explicação da crise mundial, que afeta todas as dimensões sociais, inclusive o sistema educacional. Dessa forma é preciso repensar o paradigma vigente" destaca Maria José de Pinho, acrescentando que os estudiosos explicam que essa superação do paradigma não quer dizer anular, derrubar tudo que a ciência conseguiu construir, mas "progredir qualitativamente, conservando o que há de verdadeiro no momento anterior elevando-o a um complemento, segundo as novas exigências históricas".

Nesse novo, ou seja, no paradigma emergente, "as coisas são vistas em sua totalidade, o olhar se estende ao todo e procura compreender o global". O paradigma emergente tem como princípio quebrar a lógica de estrutura formal da disciplinaridade, unir conhecimento científico social e o conhecimento científico natural, de forma complementar, tornando-os pertinentes, contextualizados e multidimensionais.

Maria José de Pinho analisa a crise da modernidade e as crises universitárias, sendo três referentes à universidade, de acordo com Boaventura de Sousa Santos - a crise de hegemonia, a crise de legitimidade e a crise institucional. A autora discorre sobre cada uma delas e destaca que são crises que se interpenetram e tem uma pluralidade de fatores implicados. A crise de hegemonia coloca em debate questões como a autonomia universitária, a relevância e a responsabilidade social da universidade e a convivência/contestação/acomodação com a contradição e rigidez institucional.

A autora destaca em todo o seu trabalho o papel da universidade como protagonista na construção de um novo paradigma para educação. E faz um recorte sobre o surgimento das universidades no mundo e no Brasil, apontando as primeiras

instituições, suas características e finalidades, bem como o momento histórico de seu surgimento. “As primeiras iniciativas de criação de universidades no Brasil deram-se fora do poder central do Estado e à revelia dele, no Amazonas, em São Paulo e no Paraná. A Universidade de Manaus foi criada em 1909, no auge da prosperidade resultante do ciclo da borracha. A Universidade de São Paulo foi fundada em 1911, por recursos de um “sócio capitalista” que pretendia recuperar seu investimento e obter lucro com a cobrança de taxas dos estudantes” narra a pesquisadora.

A pesquisa aponta que na atualidade a universidade desempenha papel complexo e antagônico, ao conservar e transformar a sociedade. Percebe-se uma desarticulação em relação às suas finalidades uma vez que deixa de cumprir seu papel enquanto instituição social quando redesenhada aos moldes neoliberais. Enquanto instituição social, a universidade, atua efetivando os princípios de formação, criação, reflexão, crítica e autonomia do saber ante a religião e o Estado. “No entanto, frente a forte influência neoliberal, a universidade vem perdendo esta finalidade e tornando-se uma entidade administrativa, pautada na lógica da gestão de recursos, estratégia de desempenho, competitividade”.

A autora destaca que a partir da leitura das obras de Edgar Morin compreende que há um potencial papel da complexidade na reorganização da instituição universitária em seu papel formativo, produtor de conhecimento e na relação com a sociedade, a natureza e a existência humana. Maria José Pinho aponta que os princípios e práticas científicas estão vinculados aos contextos históricos, aos paradigmas vigentes, as epistemologias e pesquisadores, assim a ciência não é isenta das contradições e das incertezas humanas. Pelo contrário, a ciência é o produto da razão humana, limitada, condicionada por muitos fatores e sujeita, portanto, ao erro.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 6, Outubro-Dezembro. 2017

### Como citar a pesquisa

PINHO, Maria José de. UNIVERSIDADE E CRISE INSTITUCIONAL: perspectivas de uma formação humana. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 6, p. 274-315, out. 2017. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4247>>. Acesso em: (Data de acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p274>.